



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



X Simpósio
de Design
Sustentável
Mundos por vir_



As Contribuições de Designers Mulheres para a Inclusão no Brasil

The Contributions of Female Designers to Inclusion in Brazil

Adriana Maria Duarte Tavares¹, Prof. Doutora Cássia Cordeiro Furtado²

¹Universidade Federal do Maranhão, Mestranda, Email: tavares.adriana@discente.ufma.br

²Universidade Federal do Maranhão, Doutora, Email: cassia.furtado@ufma.br

Resumo. O Design Inclusivo no Brasil emerge como uma estratégia fundamental para garantir que produtos, serviços e ambientes atendam ao maior número possível de pessoas, independentemente de idade ou habilidade, eliminando a necessidade de soluções exclusivas para pessoas com diferenças funcionais. Designers Mulheres tiveram papéis essenciais no desenvolvimento dessa abordagem, com contribuições que vão desde a criação de livros em Braille até mobiliários adaptáveis e normatização da acessibilidade. No entanto, suas trajetórias permanecem pouco reconhecidas, refletindo um histórico de apagamento das mulheres no campo do design. A pesquisa é descritiva, qualitativa, de natureza básica, tendo como principal método a revisão bibliográfica de caráter descritivo, com a busca por fontes primárias. E compreende que, mulheres como Wanda Gomes, Érika Foureaux e Silvana Cambiaghi possuem trabalhos de extrema relevância para o esse campo, como sistema de Braille, normatização da acessibilidade e mobiliários infantis.

Palavras-chave. Design Inclusivo; Design e Gênero; Designers Mulheres

Abstract. Inclusive Design in Brazil is emerging as a fundamental strategy to ensure that products, services, and environments serve the greatest possible number of people, regardless of age or ability, eliminating the need for exclusive solutions for people with functional differences. Women designers have played essential roles in the development of this approach, with contributions ranging from the creation of Braille books to adaptable furniture and accessibility standardization. However, their careers remain underrecognized, reflecting a history of women's erasure in the field of design. The research is descriptive, qualitative, and basic in nature, using a descriptive literature review as its main method, with a search for primary sources. It also recognizes that women like Wanda Gomes, Érika Foureaux, and Silvana Cambiaghi have produced extremely relevant work in this field, such as the Braille system, accessibility standardization, and children's furniture.



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir_



**INSTITUTO
FEDERAL**
Maranhão



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

Keywords: *Inclusive Design; Design and Gender; Women Designers.*

1 Introdução

O Design Inclusivo, no Brasil visa superar as restrições do Design tradicional, de forma a garantir que todas as pessoas possam utilizar o produto, levando em consideração o maior número de indivíduos possíveis, com o objetivo de assegurar que produtos, serviços e ambientes sejam adequados para todas elas. Com o propósito de eliminar a demanda por soluções exclusivas para um público com diferenças funcionais, essa filosofia se fortalece por meio de princípios que visam garantir a inclusão de todos.

No entanto, é importante levar em consideração que, ele se difere do Design Universal pois diferente dele, o Design Inclusivo entende que a inclusão não é uma ferramenta a ser incorporado ao final, mas um procedimento que precisa ser incorporado durante todas as fases juntamente com o público-alvo (Gomes; Quaresma, 2017).

Análises como a de Gomes e Quaresma (2017), indicam que, embora a maioria dos designers profissionais afirme conhecer o Design Inclusivo, uma minoria o aplica efetivamente em seus projetos, revelando barreiras que impedem a sua plena adoção no mercado. Nesse cenário, houve diversas mulheres que tiveram papel fundamental para o Design como formação, profissão e propagação da igualdade de acesso, mas são pouco faladas e citadas. Questão essa que vem desde os primórdios da educação do Design, perpassa pela Bauhaus e por outros lugares e escolas do mundo.

As trajetórias de figuras como Wanda Gomes (2017), que em 2002, criou um sistema de impressão em Braille para todas as crianças, Érika Foureaux (2009), criadora de mobiliários infantis adaptáveis como a cadeira ciranda criada em 2007, e Silvana Cambiaghi (s.d), com sua atuação na normatização da acessibilidade na Prefeitura Municipal de São Paulo, desde 1987, sugerem que suas colaborações carecem de ser apenas exemplos de excelência profissional, mas de mulheres que fizeram e fazem a diferença dentro do contexto do Design Inclusivo.

Nesse sentido, surge a questão central: Como as contribuições históricas de mulheres designers têm moldado o desenvolvimento do design inclusivo no Brasil? Dessa forma, tem-se como objetivo deste estudo compreender as participações de mulheres para o Design Inclusivo no Brasil.

2 Referencial Teórico

2.1 Caracterização do Design Inclusivo e sua Contextualização Histórica no Mundo e no Brasil

O Design Inclusivo emerge como uma resposta direta às limitações do Design convencional. Longe de ser uma disciplina de nicho ou um campo especializado, se apresenta como uma abordagem geral que permite aos designers garantirem o atendimento de necessidades do público mais amplo possível, independentemente da



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

idade ou habilidade. Sua premissa fundamental é o aprimoramento do design de produtos e serviços além de ser considerada uma filosofia orientada ao processo (Almeida, 2015).

A filosofia do Design Inclusivo é embasada por um ethos pragmático, que pode ser resumido em três pilares fundamentais, segundo o Inclusive Design Toolkit do Cambridge Engineering Design Centre: "centralidade do usuário", "conhecimento da população" e "foco nos negócios" (Almeida, 2015).

Porém os autores Gomes e Quaresma (2017), Holmes (2018) e ESPM + UX Design Institute (2025), apontam o Design Inclusivo como uma metodologia, um processo e uma filosofia que acolhe as diversidades e afasta-se da busca de uma solução única para um "usuário médio", mas que aprende com a diversidade humana e leva em consideração limitações temporárias ou situacionais. Ademais, seu objetivo é uma experiência equivalente em vez de idêntica, para todos que considera as diversas experiências, partindo de uma abordagem interseccional que entende os indivíduos em sua totalidade.

De acordo com Gomes e Quaresma (2017), essa perspectiva, tem como objetivo eliminar a necessidade de criar ambientes e produtos exclusivos para pessoas com diferenças funcionais, garantindo que todos possam usar produtos e ambientes de forma livre. Carletto e Cambiaghi (2007) e Cruz (2010), afirmam que a terminologia do Design Universal, serve como base para o Design Inclusivo, foi criada pelo norte americano e usuário de cadeira de rodas, Ron Mace, que acreditava que esse era o início da consciência da necessidade de integrar os elementos que projetamos e produzimos.

No Centro de Design Universal da Universidade Estadual da Carolina do Norte, também conhecido como o berço do Design Universal, desenvolveu-se sete princípios dessa abordagem para ajudar designers, que focam na aplicação do Design Inclusivo (Bringolf, 2008). Seus princípios são: uso equitativo, flexibilidade de uso, uso simples e intuitivo, informação perceptível, tolerância a erros, baixo esforço físico e tamanho/espço para abordagem e uso (Bringolf, 2008).

Uma forma de sistematização do Design Inclusivo é a norma ISO 9241-11, que define usabilidade como a medida pela qual um produto pode ser usado por usuários específicos para atingir objetivos específicos com eficácia, eficiência e satisfação, em um contexto de uso específico. Nesse sentido, a acessibilidade pode ser vista como uma "categoria da usabilidade", pois um produto que requer acessibilidade para um determinado usuário simplesmente deixa de poder ser usado por ele, falhando no critério mais básico de usabilidade (Almeida, 2015).

Com o intuito de operacionalizar os princípios do Design Inclusivo, é importante citar o modelo Pessoa-Ambiente-Ocupação, utilizado em estudos como o de Lamy *et al.* (2019), que serve como a ponte teórica que conecta a filosofia dessa prática projetual voltada à inclusão à sua aplicação prática e rigorosa. Esse modelo engloba três fatores: a Pessoa, com suas capacidades funcionais (físico-motoras, sensoriais e cognitivas); o Ambiente, com suas demandas e barreiras físicas; e a Ocupação, que representa a atividade ou tarefa específica que a pessoa deseja realizar. Com ele é possível diagnosticar com precisão a origem de uma falha de design, pois permite entender por que um espaço



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



X Simpósio
de Design
Sustentável
Mundos por vir



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

pode ser tecnicamente acessível, mas ineficiente para o uso (Lamy *et al*, 2019).

No entanto, somente nos últimos anos o Design Inclusivo começou a ganhar relevância no Brasil, e a população reconheceu a importância de promover a acessibilidade e a garantia de acesso (Cruz, 2010). Um exemplo disso é a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência - a Lei nº 13.146 – destinada a “assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua integração social e cidadania” (Brasil, 2015).

A Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, conhecida como Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI) ou Estatuto da Pessoa com Deficiência, representa um marco fundamental na evolução dos direitos humanos e da cidadania no Brasil. Promulgada após um longo período de maturação e debates no Congresso Nacional, que remontam ao ano 2000, a LBI não se configura como uma mera legislação setorial, mas como um arcabouço jurídico abrangente e transformador. Seu objetivo primordial, conforme explicitado em seu Art. 1º, é "assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania" (Brasil, 2015). Este dispositivo legal consolida uma nova perspectiva sobre a deficiência, alinhando o ordenamento jurídico brasileiro aos mais avançados paradigmas internacionais de direitos humanos (Brasil, 2015).

A sua importância para o design é inequívoca, visto que, a lei estabelece o desenho universal como a regra de caráter geral para a concepção e desenvolvimento de produtos, serviços e ambientes de uso público. Este mandato legal transforma o esse tipo de abordagem de uma boa prática em uma obrigação cívica e jurídica. Essa diretriz estabelece a base para que órgãos de fiscalização, como o Ministério Público, possam exigir o cumprimento da acessibilidade, tornando a integração social uma responsabilidade compartilhada entre o Estado e a sociedade (Brasil, 2015).

Além desta lei, é possível citar a norma 9050 que como principal instrumento técnico de implementação da Lei nº 13.146, que conforme a ABNT (2020), estabelece critérios e padrões para a acessibilidade em edificações, mobiliário e espaços urbanos de forma que garanta a autonomia, segurança e conforto para o maior número de pessoas possível. Sua abrangência envolve medidas antropométricas até especificações para sinalização e equipamentos, com critérios que incluem parâmetros antropométricos, informação e sinalização, acessos e circulação, sanitários e mobiliário (ABNT, 2020).

Pórem, apesar da alta relevância, essa abordagem possui lacunas em relação ao seu ensino pelas Universidades e consequentemente a sua aplicação pelos profissionais da área, no mercado de trabalho. A pesquisa de Gomes e Quaresma (2017) oferece um panorama sobre como os designers brasileiros aprendem e aplicam (ou não) os princípios da inclusão. Em seu estudo, as autoras concluem que enquanto 71% dos designers profissionais afirmam conhecer o design inclusivo, apenas 29% o aplicam em seus projetos.

As mulheres passaram por diversas dificuldades ao longo da análise histórica do Design, que permaneceu sem reconhecimento por muitos anos até a década de 60. A ocorrência de diversos movimentos feministas, impulsionou os estudos de gênero na área



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir_



e trouxeram à tona diversos nomes que até então passaram despercebidas em livros sobre Design. (Andrade; Rabello, 2008).

No entanto, esses nomes foram ocultados de forma proposital. Segundo a autora Cheryl Buckley (1986), pesquisadores usaram métodos historiográficos específicos que resultou na omissão dessas mulheres. Esses métodos são, na verdade, um conjunto de premissas e práticas que definiam o que era considerado historicamente relevante. Tradicionalmente focou na chamada "esfera pública", que se tratava de política, economia e assuntos militares, áreas socialmente dominadas por homens, e a "esfera privada" – o lar, a família, a comunidade, os cuidados, a produção doméstica –, onde a atuação feminina era central, era considerada menos importante e, portanto, indigna de registro histórico (Buckley, 1986).

2.2 Gênero e Design

A exclusão das mulheres dentro do campo do design, se desenvolve a partir do campo das artes, quando elas eram isoladas das expressões artísticas. Por muitos anos, seus feitos eram atribuído à nomes masculinos, consequência essa que aparece regularmente em diferentes épocas e contempla tanto a História da arte quanto a História do Design. Apartadas de tudo o que era considerado masculino e intelectual até mesmo dentro das escolas de Design (Barbosa; Amaral, 2025; Campi, 2010).

Nos anos 80, foi "tirado de cena" uma grande quantidade de conteúdo desconhecido sobre mulheres ativas no campo da criação. Além disso, durante a Revolução Industrial, o trabalho artístico só poderia ser realizado por mulheres que faziam disso um passatempo ou um trabalho não remunerado (Campi, 2010).

Segundo Barbosa e Amaral (2025) e Campi (2010), mesmo na Bauhaus, escola prometedora da igualdade entre os estudantes, sem distinção de gênero, e que era considerada a mais moderna para sua época, a homologação das mulheres ocorreu apenas como forma de mostrar democratização e modernidade sem nenhuma intenção de honrar o que estava prometendo. Além disso, apesar da aceitação, eram proibidas de cursar aulas que desconsideradas femininas, conforme Barbora Amaral, (2025) e Campi (2010) sempre que o número de alunas crescia, precisavam passar por uma prova de ingresso, com nível acima do padrão, com o intuito de impedir o ingresso na Bauhaus.

Conforme Isabel Campi (2010), no ano de 1936, o Instituto de Tecnologia Carnegie Mellon graduou seus primeiros estudantes com foco em design de indústria. Dentre eles, havia três mulheres. Contudo, as primeiras designers de produto profissionais, a exemplo de seus colegas masculinos, não possuíam uma formação uniformizada. As demandas de uma indústria saturada e estagnada levaram os artistas comerciais a migrarem para o setor de serviços de design. No final dos anos 1920, nos EUA, surgiram as primeiras designers de produto femininas no sentido contemporâneo (Campi, 2010).

Nesse cenário, a vida profissional de uma mulher graduada em design (quando de forma legalizada), se deparou com muito mais obstáculos que a de homens em mesma situação. Um exemplo disso são mulheres que tiveram a autoria de seus trabalhos atribuída



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



X Simpósio
de Design
Sustentável
Mundos por vir_



a figuras masculinas ou foram ignoradas e permaneceram sem o devido reconhecimento por suas criações. Mulheres como Lilly Reich (desenvolvedora famosa da cadeira Barcelona) e Lucia Moholy (participou do *Malerei, Fotografie, Film*, de 1925) que tiveram seus trabalhos associados à homens sem a devida importância nos livros de história (Ballardin, 2023; Campi, 2010).

Situação similar ocorria nos Estados Unidos, em 1964 já diversas empresas apenas contratavam designers mulheres quando se tratava de projetos em que elas fossem público-alvo ou em projetos de produtos que tinham como necessidade o “toque feminino”. Até então os empresários alegavam evitar contratar mulheres por acreditar que elas poderiam criar problemas com os empregados homens. Além de seguirem a lógica de que designers industriais trabalham com engenheiros homens, que se recusam a seguir ordens de mulheres (Bartlett, 2023; Campi, 2010).

De acordo com a autora Isabel Campi (2010), as categorias de gênero costumam dividir as áreas do design, sendo algumas vistas como femininas e diversas como masculinas. Contudo no final do século XIX, a decoração em cerâmica era vista como uma atividade feminina, ao passo que o torneamento e a moldagem de peças eram considerados trabalhos masculinos. Durante o século XX, as mulheres produziam cerâmica em todas as suas modalidades, inclusive no setor industrial, e atualmente essa separação de trabalho não é bem aceita.

Apesar de muitos avanços, ao longo dos anos, ainda é possível perceber uma certa distinção na divisão de trabalho onde no campo do Design automotivo é quase exclusivamente masculina enquanto as mulheres predominam no design de interiores (considerado delicado e feminino), contrastando com o design de exteriores (rigidamente masculino), onde há uma quantidade significativamente maior de homens (Campi, 2010).

3 Metodologia

O presente inquérito é de natureza básica, com abordagem qualitativa e caráter descritivo, fundamentando-se em procedimentos de revisão bibliográfica. Foram utilizadas as bases de dados: Scielo, Google Acadêmico, Blucher Proceedings. Além de livros, dissertações, teses, artigos de revisão, com análise interpretativa e crítica de conteúdos relacionados às contribuições históricas de mulheres no design inclusivo, considerando aspectos como barreiras enfrentadas, apagamento histórico e impacto social de seus projetos (Gil, 2008, Prodanov; Freitas, 2013). Publicados no período de 2009 até 2025. Devido ao caráter histórico buscou-se um documento datado de 1986. A organização do estudo partiu da formulação da questão, definição dos objetivos, levantamento e seleção dos materiais, categorização temática, análise dos dados e elaboração de reflexões finais.

Quanto aos procedimentos técnicos utilizados, trata-se de uma revisão bibliográfica, com ênfase em fontes primárias, e realizada por meio de busca exploratória. A análise compreende o levantamento e interpretação crítica das áreas de atuação, participações, barreiras enfrentadas, marcos históricos e o impacto social de projetos realizados por mulheres no design. Também são adotadas práticas de crítica contextual e reflexão



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir_



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

analítica, visando compreender o apagamento histórico dessas trajetórias (Prodanov; Freitas, 2013; Menezes *et al.*, 2019).

A escolha de discorrer sobre o papel das designers Érika Fourreux, Silvana Cambiaghi e Wanda Gomes baseia-se em critérios que destacam suas contribuições significativas para o desenvolvimento e consolidação do design inclusivo no Brasil. Essas profissionais foram selecionadas por representarem diferentes abordagens e momentos dessa prática, articulando o design como uma ferramenta de acessibilidade.

Cada uma delas desenvolve projetos e reflexões que ampliam a compreensão sobre como o design pode eliminar barreiras físicas, comunicacionais e cognitivas, promovendo a inclusão de pessoas com deficiência e outras diversidades. Além disso, essa seleção se justifica pela importância de evidenciar o protagonismo feminino em um campo historicamente marcado pela predominância masculina, conforme discutem autoras como Cheryl Buckley (1986) e Penny Sparke (2004), que destacam a necessidade de reconhecer as mulheres na história do design. Assim, a análise de suas trajetórias permite compreender o impacto do design inclusivo como um campo que alia inovação, responsabilidade social e sensibilidade humana.

3.1 Procedimentos Adotados

A realização desta sondagem seguiu uma sequência de etapas interligadas. Inicialmente, foi feita a definição do problema e a formulação da questão de pesquisa, que orienta todo o estudo: Como as contribuições históricas de mulheres designers têm moldado o desenvolvimento do design inclusivo no Brasil?

Em seguida, foi estabelecido o objetivo geral a analisar a importância das atuações femininas para essa proposta projetual centrada na acessibilidade e seus impactos. Na etapa seguinte, procedeu-se à revisão bibliográfica de caráter descritivo. A seleção dos materiais foi realizada com base em sua relevância para os temas centrais, especialmente design inclusivo, participação feminina no design, barreiras históricas e impacto social de projetos desenvolvidos por mulheres.

Após a coleta, os dados foram organizados em categorias temáticas para facilitar a análise: conceitos sobre o Design Inclusivo, Design Inclusivo no Brasil, Design e Gênero e os aportes de mulheres no design inclusivo. Com base nessa organização, realizou-se uma análise interpretativa de natureza qualitativa, buscando padrões, contradições, lacunas e aspectos recorrentes nas narrativas disponíveis. A análise foi conduzida de forma crítica e reflexiva, com atenção às relações entre o contexto histórico-social e a construção do conhecimento em design.

Por fim, a análise foi concluída com uma crítica contextual e uma reflexão analítica sobre a importância de reconhecer e valorizar a atuação das mulheres nesse enfoque projetual, como um ato de justiça histórica e epistêmica, ressaltando o papel transformador dessas narrativas para a construção de um campo mais diverso, ético e representativo.

Figura 1: Linha do tempo da trajetória das mulheres.



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir_



Fonte: autoras (2025).

Figura 2: continuação Linha do Tempo.



Fonte: autoras (2025).



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir_



4 Resultados

4.1 Mulheres Designers em Destaque

No Brasil, as mulheres tiveram destaque em diferentes áreas de atuação, como nos meios de comunicação, no meio acadêmico, arquitetura, design gráfico, design industrial, ergonomia entre outras especializações dentro do Design. (Stephan, 2015). Em relação às mulheres que tiveram importância no âmbito do Design Inclusivo, podemos citar uma das pioneiras: Wanda Gomes, designer gráfica, que criou um sistema de impressão em Braille dirigido para todas as crianças inclusive crianças com deficiência visual (Escola Superior de Desenho Industrial, 2017).

A designer é criadora da coleção Adélia, livros para crianças, que possuem o sistema de escrita em Braille e pode ser lido tanto por uma criança deficiente visual quanto uma pessoa sem deficiência visual (ver Figura 1). A equipe de Design da WG produto, afirma que faltam similares do livro no mundo, além de terem recebido convites para mostrar os livros fora do Brasil. Ademais, o projeto gráfico da designer Wanda Gomes foi além do design do livro, criando uma técnica de impressão que permite uma leitura sensorial das imagens das ilustrações, percebidas pela textura de cada figura e pelo aroma em algumas delas (Gomes, 2017).

Os livros falam sobre uma menina chamada Adélia, de 7 anos, que é deficiente visual. A inclusão de sua busca vai além da criação de um personagem literário cego e sim um livro que é de extrema importância para diversas crianças ao redor do mundo. Em uma imagem publicada no site Catarse, criado pela própria designer, a mesma compartilha a foto de uma criança com deficiência visual, que está com a cabeça debruçada em seu livro (ver Figura 2). A designer afirma que essa imagem é de extrema importância, pois questiona “Quando alcançaremos o que ela sente de fato? Essa garotinha é cega e ela gosta de sentir os relevos e texturas com o rosto”, uma amostra sobre a importância da acessibilidade (Gomes, 2017).



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



X Simpósio
de Design
Sustentável
Mundos por vir_

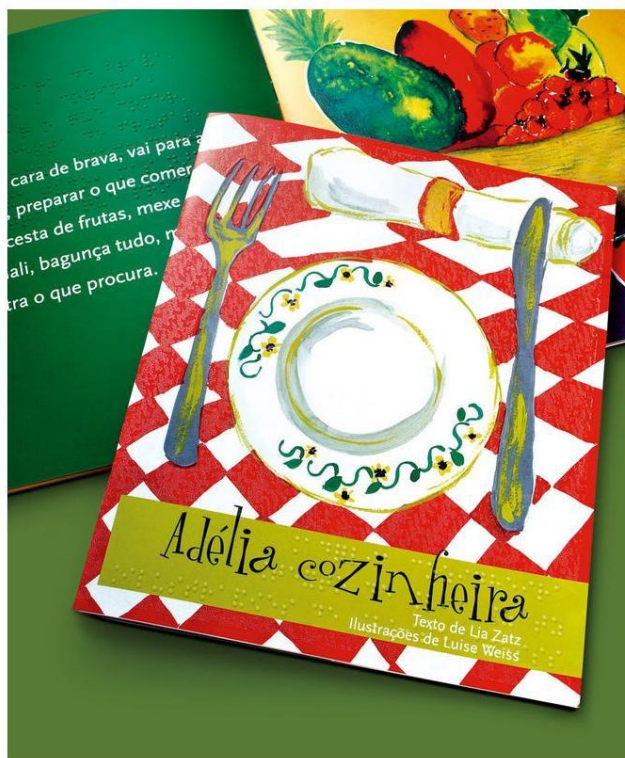


INSTITUTO
FEDERAL
Maranhão



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

Figura 2: livro "Adélia cozinheira".



Fonte: Wanda Gomes (2017).

Figura 3: deficiente visual sentindo os relevos do livro "Adélia Cozinheira".



Fonte: Wanda Gomes (2017).



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



X Simpósio
de Design
Sustentável
Mundos por vir_



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

Além de Wanda, podemos citar Érika Foureaux (Figura 3), arquiteta e designer nascida em Minas Gerais e criada na França, ficou conhecida pelo seu trabalho de mobiliário infantil que se adequa também a crianças com deficiência física. Após tanto se frustrar com a falta de móveis, que adequassem à sua filha, portadora de uma deficiência física, ela se dedicou a criar produtos como a cadeira Ciranda e a Carteira Escolar Inclusiva (Figura 4), que pode ser usada por qualquer pessoa portadora, ou não, de uma deficiência física (Fantini, 2009; Rusky, 2014).

De acordo com Débora Fantini (2009), Erika Foureaux fundou o Instituto Noisinho da Silva, que oferece um evento com atividades culturais para famílias pobres, em que elas possam construir uma versão em madeira da cadeira Ciranda. Ademais, passou de ativista a empreendedora social, projetando e aos 20 anos, já era representante no Brasil de um grupo francês de mobiliário infantil.

Este Instituto tem como objetivo principal a inclusão social e melhora na qualidade de vida de crianças com deficiências físicas. Para isso, é realizado o desenvolvimento de projetos na área do design universal e atividades educacionais, culturais e assistenciais e conscientizando a sociedade quanto à importância desses projetos. Além de desenvolver equipamentos, realizar oficinas capacitadoras, culturais e educacionais e trabalhar com a propagação do tema através de publicações (Fantini, 2009).

Um dos depoimentos sobre o instituto, é de Silvana Coelho, mãe de uma menina portadora de deficiência física, que esteve em uma das oficinas promovidas pelo lugar. Em seu relato ela conta como a criação da cadeira Ciranda foi importante para sua filha Cecília, já que é a única cadeira em a filha consegue ficar na altura das outras crianças e facilita a participação em brincadeiras com outras pessoas. Além disso, ela comenta que esse produto é um acessório útil para a filha poder enxergar o mundo de uma forma mais abrangente (Fantini, 2009).

Sendo assim, é notável a importância que os estudos e projetos da designer tem no âmbito de tal perspectiva, tornando-a referência nacional em design inclusivo voltado à infância. Seu trabalho ajuda diversas crianças com mobilidade reduzida e deveria ter mais reconhecimento dentro do campo do Design, já que durante a presente análise, foi pouco identificado artigos sobre ela e seu projeto. Além disso, fato da omissão de nomes como de Erika Foureaux em artigos acadêmicos, possivelmente acontece em decorrência de fatores históricos e sociais que, por muitas décadas, valorizou muito mais os feitos de figuras masculinas do que de imagens femininas.



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



X Simpósio
de Design
Sustentável
Mundos por vir_



INSTITUTO
FEDERAL
Maranhão

PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

Figura 4: fotografia de Érika Foureaux.



Fonte: Renata Rusky (2014)

Figura 5: cadeira Ciranda e carteira escolar por Erika Foureaux.



Fonte: Renata Rusky (2014).

Uma arquiteta de extrema importância para o âmbito desse enfoque projetual é Silvana Cambiaghi (Figura 5), graduada pela FAU/USP, mestre em Desenho Universal pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design da Universidade de São Paulo. É fundadora da Comissão Permanente de Acessibilidade de São Paulo, membro do grupo de trabalho da revisão da NBR no 9050 e demais Normas Técnicas de acessibilidade da ABNT. Conhecida por seu trabalho com foco na democratização e acessibilidade, além de ter ganhado o 22º Prêmio Design do Museu da Casa Brasileira em 2008 com a primeira edição



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir_



**INSTITUTO
FEDERAL**
Maranhão



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

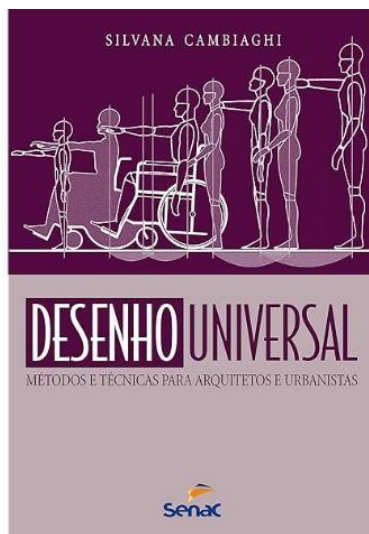
do livro, “Desenho Universal: Métodos e Técnicas para Arquitetos e Urbanistas” (Figura 6), publicado pelo Senac (Cambiaghi, 2025).

Figura 6: fotografia da arquiteta Silvana Cambiaghi



Fonte: [Silvana Cambiaghi](#) (s.d)

Figura 7: livro "Desenho Universal: Métodos e Técnicas para Arquitetos e Urbanistas".



Fonte: [Amazon](#) (2010)



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir_



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

Silvana Cambiaghi também tem uma empresa de criação de projetos, auditorias e fiscalização, acompanhamento de obras, consultoria para a elaboração e modificação de lugares, sejam hotéis ou pousadas, em qualquer parte do Brasil, para que possuam acessibilidade arquitetônica. Ademais, trabalha na prefeitura de São Paulo, desde 1987, e é representante da Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência e Mobilidade Reduzida, também promove aulas em cursos de extensão e regulares na área de arquitetura, que prepara profissionais para desenvolver projetos que criam espaços acessíveis, considerando o desenho universal e as necessidades de usuários com diferentes tipos de deficiência ou limitação física (Sem Barreiras, 2017). Além dela, Érika Foureaux cujos resultados mostram que, motivada por uma necessidade pessoal ligada à sua filha, Foureaux desenvolveu soluções de grande impacto no design de mobiliário, como a "Cadeira Ciranda" e a "Carteira Escolar Inclusiva". Seu trabalho, materializado também através do "Instituto Noisinho da Silva", evidencia como o design pode ser uma ferramenta de inclusão social direta na infância. O depoimento da mãe de uma usuária da cadeira, serve como um dado qualitativo que comprova o sucesso do projeto em promover autonomia e interação social, alinhando-se ao princípio da flexibilidade de uso.

Já em relação à Silvana Cambiaghi, o levantamento mostrou que sua contribuição é de natureza estrutural e normativa para o design e a arquitetura no Brasil. Como autora do livro de referência "Desenho Universal: Métodos e Técnicas" e membro ativo na revisão da norma NBR 9050, Cambiaghi influenciou diretamente a formação acadêmica e a prática profissional de milhares de designers e arquitetos. Seus resultados são a disseminação do conhecimento e a consolidação de diretrizes técnicas que transformaram tal perspectiva de um conceito em uma exigência legal e prática em todo o território nacional.

4.2 Reflexão Sobre os Achados da Pesquisa

A análise conjunta dos dados revela um padrão marcante: a contradição entre o profundo impacto social e mercadológico dos aportes femininos e a sua ínfima representação na história oficial do design brasileiro. Os achados demonstram que Wanda Gomes, Érika Foureaux e Silvana Cambiaghi estão longe de ser meras praticantes, mas agentes de transformação que, muitas vezes partindo da empatia e da experiência pessoal, inovaram e estabeleceram novos patamares para a acessibilidade no país.

O "esquecimento" dessas mulheres caracterizou-se como processo participativo, resultando em uma construção histórica que privilegiou certas vozes em detrimento de outras. Reconhecer e documentar suas trajetórias, portanto, supera um ato de justiça com o passado, mas uma ação essencial para o futuro do design. Ao trazer à luz essas participações, reforça a necessidade de se construir um campo mais diverso, ético e consciente de que as melhores soluções de design emergem da pluralidade de experiências humanas, um princípio que essas pioneiras demonstraram com maestria em seus trabalhos.

5 Conclusões

A análise dos dados permitiu identificar e categorizar contribuições fundamentais de



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir_



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

mulheres que moldaram ativamente esse campo. Os achados revelam que suas atuações mostram-se irregulares, mas abrangeram a criação de produtos inovadores, a fundação de institutos de impacto social e a formulação de normativas técnicas essenciais. Como primeiro exemplo, Wanda Gomes cujo estudo identificou sua contribuição pioneira na área do design gráfico editorial com a "Coleção Adélia". O resultado central de seu trabalho é a criação de um sistema de impressão que integra o Braille, texturas e aromas, concebendo o livro infantil em vez de um produto de nicho para crianças com deficiência visual, tornou-se um objeto, que promove uma experiência de leitura compartilhada entre crianças com e sem deficiência. Este achado demonstra uma aplicação prática do princípio do uso equitativo, superando a segregação.

O estudo atual mostrou que as mulheres designers foram e continuam sendo essenciais para o desenvolvimento e progresso do Design Inclusivo no Brasil. Ao examinar as trajetórias de personalidades como Wanda Gomes, que criou um sistema de impressão em Braille acessível a todos; Érika Foureaux, que desenvolveu móveis adaptáveis para promover a interação social entre crianças; e Silvana Cambiaghi, que teve um papel fundamental na normatização da acessibilidade, torna-se claro que seus feitos deixam de ser apenas exemplos de excelência no design, mas também ações de mudança social. Ao traduzir os princípios do Design Universal — equidade, flexibilidade e usabilidade — em soluções práticas e humanizadas, elas transformaram o campo que teve um impacto significativo na qualidade de vida de muitas pessoas, tendo como exemplo o caso de Silvana Coelho.

Respondendo à questão central, constata-se que o subdocumentado histórico dessas contribuições é uma consequência direta de estruturas de exclusão de gênero historicamente arraigadas no campo do design. Conforme apontado no referencial teórico, desde a Bauhaus até o contexto industrial norte-americano e brasileiro, as mulheres enfrentaram barreiras sistêmicas que limitaram seu acesso à formação, desvalorizaram suas competências e, frequentemente, atribuíram a autoria de seus trabalhos a figuras masculinas ou simplesmente as omitiram dos registros históricos.

Como limitações dessa busca, reconhece-se o seu recorte metodológico, focado em uma revisão bibliográfica de um número seletivo de casos. Essa abordagem, embora eficaz para a análise qualitativa, é limitada pela escassez de fontes sobre outras potenciais contribuidoras e deixou de incluir procedimentos como entrevistas em profundidade, que poderiam oferecer um panorama ainda mais detalhado das experiências e desafios enfrentados por essas profissionais.

Assim, fica evidente que reconhecer e valorizar a contribuição dessas mulheres nesse tipo de abordagem vai além de um ato de justiça histórica; é uma exigência epistêmica para a criação de um campo do design mais diverso, ético e representativo. Examinar suas trajetórias fornece lições importantes sobre resiliência, empatia e o uso do design como instrumento de inclusão. Recuperar essas histórias é essencial para motivar as próximas gerações de designers a questionarem o status quo e a criação de um mundo



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



X Simpósio
de Design
Sustentável
Mundos por vir_



INSTITUTO
FEDERAL
Maranhão

PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

verdadeiramente acessível e justo para todos.

Por fim, como sugestões para trabalhos futuros, propõe-se a realização de estudos de caráter quantitativo para mapear a representatividade feminina no design inclusivo brasileiro atualmente. Sugere-se também o desenvolvimento de estudos de caso aprofundados sobre outras designers, incluindo a realização de entrevistas de história oral para preservar suas memórias e legados. Adicionalmente, comparativas com outros países da América Latina poderiam revelar padrões regionais de exclusão e resistência, enriquecendo a compreensão sobre a dinâmica de gênero no design.

Figura 8: infográfico das conclusões



Fonte: autoras (2025).



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir



Referências

ALMEIDA, A. M. P. Design Inclusivo. **Ergotrip Design**, p. 44-62, 2015.

AMY, Gladstonny Silva et al. Design inclusivo em centros e museus de ciências: um estudo no campus da Fiocruz, RJ, Brasil. **Interiencia**, Venezuela, v. 44, n. 11, p. 629-636, nov. <https://www.google.com/search?q=2019>.

ANDRADE, Ana Beatriz P.; REBELLO, Ana Maria. A invisibilidade feminina no design: da Bauhaus ao Brasil. In: **Tercer Encuentro Latinoamericano de Diseño**. Conferência da Universidade de Palermo, Buenos Aires, Argentina, 2008.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 9050:2020**: acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro: ABNT, 2020. Disponível em:

https://drive.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/NBR9050_20.pdf. Acesso em: 21 jul. 2025.

BALLARDIN, Kallany. A fotógrafa Lucia Moholy impactou para sempre como conhecemos a história da Bauhaus. **Revista Recorte**, 2023. Disponível em: <https://revistarecorte.com.br/artigos/a-fotografa-lucia-moholy-impactou-para-sempre-como-conhecemos-a-historia-da-bauhaus>. Acesso em: 31 jul. 2025.

BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Vitória. **Mulheres não devem ficar em silêncio**: arte, design, educação. Cortez Editora, 2025.

BARTLETT, Kristin. Women in industrial design: A review. **Proyecta 56: An industrial design journal**, [S.l.], n. 3, p. 41-53, 29 jun. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.25267/P56-IDJ.2023.i3.03>.

[IDJ.2023.i3.03](https://doi.org/10.25267/P56-IDJ.2023.i3.03). Acesso em: 21 jul. 2025.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria-Geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 17 jul. 2025.

BRINGOLF, Jane. Universal design: is it accessible? **Multi: The Journal of Plurality and Diversity in Design**, v. 1, n. 2, 2008.

BUCKLEY, Cheryl. **Made in patriarchy: toward a feminist analysis of women and Design**. Design Issues, Cambridge, v. 3, n. 2, p. 3-14, 1986.

CAMPI, Isabel. El sexo determina la historia? Las diseñadoras de producto: um estado de la cuestión. In: Isabel Campi (Coord.). **Diseño y Historia: tiempo, lugar y discurso**. México: Designio, 2010, p. 87-114.



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



X Simpósio
de Design
Sustentável
Mundos por vir



CAMBIAGHI, Silvana. Sobre a Design Universal Consultoria. Disponível em: <https://designuniversalconsultoria.com.br/sobre/>. Acesso em: 21 jul. 2025. (s.d.)

CARLETO, A. C.; CAMBIAGHI, S. **Desenho Universal**: um conceito para todos. São Paulo: Instituto Mara Gabrilli, 2007.

ESCOLA SUPERIOR DE DESENHO INDUSTRIAL – ESDI/UERJ. Design gráfico inclusivo – Coleção Adélia. Rio de Janeiro, 19 maio 2017. Disponível em: <https://www.esdi.uerj.br/noticias/3442/design-grfico-inclusivo-coleo-adlia>. Acesso em: 21 jul. 2025.

ESPM + UX Design Institute Design acessível vs. inclusivo vs. universal: qual é a diferença? 5 jun. 2025. Disponível em: <https://uxdi.espm.br/design-acessivel-vs-inclusivo-vs-universal-qual-e-a-diferenca/>. Acesso em: 24 jul. 2025.

FANTINI, Débora. Érika Foureaux: finalista do Prêmio Empreendedor Social 2009. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/finalistas/2009-erika-foureaux-instituto-noisinho-da-silva.shtml>. Acesso em: 24 jul. 2025.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Wanda. Adélia Cozinheira: livro infantil inclusivo para todas as crianças. **Catarse**, 2017. Acesso em: 23 jul. 2025.

GOMES, Danila; QUARESMA, Manuela. **O design inclusivo no Brasil**: seu ensino nos cursos de graduação em Design. *Ergodesign & HCI*, São Paulo, v. 5, n. Especial, p. 86–103, set. 2017.

MENEZES, A. H. N; DUARTE, F. R; CARVALHO, L. O. R; SOUZA, T. E. S. Metodologia científica: teoria e aplicação na educação à distância. Petrolina: Editora Fundação Universidade do Vale do São Francisco, 2019.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RUSKY, Renata. *Design inclusivo*. **Correio Braziliense**, Brasília, 14 set. 2014. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/revista/2014/09/14/interna_revista_correio,446835/design-inclusivo.shtml. Acesso em: 23 jul. 2025.

SPARKE, Penny. **An Introduction to Design and Culture: 1900 to the Present**. 3. ed. London: Routledge, 2004.

SEM BARREIRAS. Silvana Cambiaghi defende que o desenho universal traz obras melhores. **Sem Barreiras**, 21 jun. 2017. Disponível em: <https://www.sembarreiras.com.br/2017/06/21/silvana-cambiaghi-defende-que-o-desenho-universal-traz-obras-melhores>. Acesso em: 29 jul. 2025.



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



X Simpósio
de Design
Sustentável
Mundos por vir_



STEPHAN, Auresnede Pires. As mulheres e o design no Brasil. Uma breve reflexão para o estudo da contribuição feminina no design brasileiro. **ALMEIDA, MDGD, et al. Caderno atempo. Barbacena: EdUEMG**, v. 2, p. 109-115, 2015